



Trindade Coelho: apontamento biográfico

Trindade Coelho é natural de Mogadouro, concelho localizado no Nordeste, nas famosas terras Mirandesas encaixadas entre o vale do Douro e a bacia do Sabor. Uma «vilinha transmontana de origem árabe, a quase 1000 metros de altitude», segundo a descrição do próprio. O modelado do relevo, a natureza dos solos e as características climatéricas emprestam à paisagem uma paleta de cores diversificada e mutante. São as estações que marcam os ritmos e os trabalhos rurais: por ali cultiva-se o olival, a vinha, o trigo e algum centeio; as hortas bordejam as linhas de água serpenteantes; nas terras altas do sul, os castanhais ondulam ao sabor dos ventos atlânticos; e as vacas, as cabras e as ovelhas também fazem parte da paisagem e brindam generosamente quem os trata com a carne, o leite e a lã.

Foi neste cenário bucólico que Trindade Coelho abriu os olhos pela primeira vez, a 18 de Junho de 1861, e aí passou a sua infância. E jamais o renegará. Pelo contrário, essa recordação, cinzelada na sua personalidade sensível, marcará a sua vida e a sua obra, onde se destaca como mestre do conto rústico português.

Concluída a sua escolaridade básica em Mogadouro, Trindade Coelho vai, em 1873, para o **Porto**, onde prossegue os estudos no Colégio São Carlos. Recorda-os como «seis anos miseráveis, de uma obediência estúpida e passiva, sempre a toque de sineta», que só a boa camaradagem tornou suportáveis. Foi nesta cidade, quando ainda muito jovem, que se estreou nas lides jornalísticas com o artigo «Cepticismo», publicado num jornal local, com a assinatura «José Coelho». E ali redigiu também os seus primeiros contos: *O Enjeitado* (que só sairia a lume em 2001, pela mão de José Viale Moutinho) e *Uma Trovoada*. A avaliar pelos títulos, moíam-no também as saudades, sentimento a que o próprio autor confere poderes inspiradores: “Mas então o que são os meus contos?! Não sei. Talvez saudades; e tenho a certeza de que se vivesse na minha terra (...) não os teria feito...”

Certo é que a febre da escrita cresce na mesma medida que os quilómetros que o afastam de Mogadouro. Em 1880, já na Universidade de **Coimbra**, onde cursou Direito, colaborou em vários jornais como, o *Progressista* (1882), *Coimbra em fralda* (1883), o *Imparcial de Coimbra* (1884), onde assinava com o pseudónimo “Belisário”; e fundou, outros como, *A Porta Férrea* (1881), que se tornou muito popular entre a academia, e a revista *Panorama Contemporâneo* (1883). Simultaneamente, escrevia crónicas para vários jornais de província, como *Beira e Douro* (Lamego, 1882), *O Andaluz* (Porto, 1884) e para o *Diário Ilustrado*, de Lisboa. Tanta actividade, associada, ao que consta, com alguma boémia, acabaria por redundar num “chumbo” logo no primeiro ano. Mas, 1885, conclui o curso, já casado e com um descendente. Dedicar-se à advocacia, mas a vida não lhe corre de feição, sobretudo após a morte do pai, seu único amparo.



Ter-lhe-á então valido o auxílio de Camilo Castelo Branco, através do qual conseguiu ingressar na magistratura, como delegado do procurador régio, na comarca do **Sabugal**. A penúria de recursos acompanhá-lo-á até ao fim dos seus dias, constituindo uma causa provável para as suas crises de esgotamento nervoso, mas cimentando também um forte sentimento de repulsa pelas injustiças e uma atitude altruísta que se reflectirá quer na sua actividade como magistrado, quer no seu labor literário.

Do Sabugal passa a **Portalegre**, onde esteve quatro anos, tempo que a população local faz questão de integrar nas memórias do concelho. Também aqui, a par da sua actividade como magistrado, continua a dedicar-se intensamente ao jornalismo. São deste tempo as suas «Cartas Alentejanas», publicadas no *Diário Ilustrado* (1887-1889), que oferecem uma excelente sinopse das matérias que estimulam a veia criativa de Trindade Coelho: reflexões de natureza etnográfica, pedagógica, política ou jurídica, umas vezes mais incisivas, outras vezes temperadas de ironia, dão corpo às crónicas que então redige – um dos domínios onde se revelam os seus melhores dotes.

Colabora também com a *Folha d' Elvas* (1888), a *Aurora do Minho* (Braga, 1888), o *Novidades* (Lisboa, 1888), a *Revista Ilustrada*, o *Comércio de Portalegre* (1889), além de fundar a *Gazeta de Portalegre* (1890).

Em 1891, depois de passar pela comarca de Ovar, é colocado em **Lisboa**, onde o aguarda uma tarefa “antipática”, como o próprio a classifica: a de fiscalizar a imprensa da capital que, na sequência do Ultimato Inglês, dá voz a uma forte contestação ao governo.

O desconforto com as exigências do cargo e com as críticas que lhe são endereçadas, não o demovem de escrever. Além de dar continuidade às colaborações que já tinha com periódicos da capital e não só, estreia-se na *Ilustração* (1891), n' *A Madrugada* (Lisboa, 1892), funda a *Revista Nova* (1893) e, com o juiz Francisco Maria da Veiga, a *Revista de Direito e Jurisprudência*.

Por estes tempos conturbados, merece também destaque a defesa que assegurou, em África, de diversos concidadãos, presos e deportados, acusados de crime político: para todos conseguiu a absolvição, e para os falsos acusadores a prisão, como castigo, com prisão. Entre os muitos trabalhos de carácter jurídico que publicou, salientam-se os *Recursos Finais em Processo Criminal* (1897), com várias edições; *Os Incidentes em Processo Civil* (1903), *Anotações ao Código e à legislação penal em vigor* (1903) e o *Roteiro dos Processo Especiais* (1907). Fez também, em colaboração com o juiz Francisco Maria da Veiga, o projecto do *Código do Processo Penal*, e, a pedido do ministro, um extenso *Regulamento do Ministério Público*, que se manteve em vigor por muitos anos.

Regressado a Lisboa, a sua vida profissional conhece alguma instabilidade. Primeiro é colocado num tribunal fiscal; algum tempo depois, é transferido para Sintra e, finalmente, em Novembro de 1895, é colocado como delegado do procurador régio da 3ª Vara do 2º



Distrito de Lisboa. Em 1907, durante a ditadura de João Franco — e, segundo alguns investigadores, na sequência da publicação de legislação que impõe aos procuradores a tarefa de fiscalizar a imprensa — pediu a demissão do cargo, situação que o colocou em grandes dificuldades económicas e que, quiçá, motivou o seu acto desesperado: suicidou-se, na sua casa, na Rua Larga de São Roque (actual rua da Misericórdia).

Além de toda a produção literária que disseminou pela imprensa periódica, Trindade Coelho publicou, entre outros: *Os Meus Amores*, o seu livro mais conhecido e também o mais conseguido (1891); *Terra Mater*, que saiu na colecção de brindes do *Diário de Notícias* (1896); *In Illo Tempore* (1902), narrativas da vida coimbrã (1902); *Pão Nosso ou Leituras Elementares e Enciclopédicas para uso do Povo* (1904); *Manual Político do Cidadão Português* (1906); *Primeiras Noções de Educação Cívica* (1906), *Dezoito Anos em África* (1898), vários *Folhetos para o Povo* e vários Livros de Leitura, para o 1.º 2.º e 3.º anos do ensino básico.

Rita Correia
(22/05/2008)

Bibliografia

COELHO, Trindade - **Os meus amores: contos e baladas**. Porto: Porto Editora, 1988.